

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER

JOSELI FERREIRA NOGUEIRA DOS ANJOS

A ROTINA NA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL

Rio de Janeiro

2014

JOSELI FERREIRA NOGUEIRA DOS ANJOS

A ROTINA NA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador:
Profa. Esp. Maria Delcina Feitosa

Rio de Janeiro

2014

A599r	<p>Anjos, Joseli Ferreira Nogueira dos</p> <p>A rotina na educação fundamental / Joseli Ferreira Nogueira Dos Anjos. – Rio de Janeiro: ISEPS, 2014.– fl. il.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2014. Orientador: Profa. Esp. Maria Delcina Feitosa</p> <p>1. Educação. 2. Educação Infantil. 3. Ensino Fundamental. 4. Rotina. 5. Transição Educação Infantil/Ensino Fundamental. I. Título. II. Orientador. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.</p> <p style="text-align: right;">CDD 372</p>
-------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Pró-Saber

JOSELI FERREIRA NOGUEIRA DOS ANJOS

A ROTINA NA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Defendido e aprovado em 2 de dezembro de 2014.

EXAMINADORES

Profa. Esp. Maria Delcina Feitosa
Orientadora

Metodologia de Pesquisa II

LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 11 de novembro de 2014.

JOSELI FERREIRA NOGUEIRA DOS ANJOS

Dedico este trabalho monográfico, a instituição UNAPE Anchieta, que me acolheu como profissional abrindo as portas para o novo e as crianças com que atuo que deram um novo significado para a realização de meu trabalho pedagógico em meu cotidiano.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, autor de minha vida que me sustentou com muita força para que eu chegasse até aqui, pois sem ele nada teria acontecido.

Agradeço a base de construção da vida de um ser humano, que é a família, minhas duas filhas Suzana de Oliveira e Marcela Victória que muito me incentivaram e me sustentaram com todo seu amor, carinho e dedicação dando total apoio em toda minha caminhada.

A instituição UNAPE Anchieta, quero agradecer o olhar especial que teve ao me acolher como profissional, acreditando em meu trabalho e gerando possibilidade, para um crescimento pessoal me conduzindo a um momento de busca do novo resultando na formação que hoje possuo.

Em meio a esses agradecimentos não poderia deixar de agradecer em especial uma grande amiga e irmã Sandra Pereira, que me fez abrir os olhos para a educação e que nesse momento tão difícil me orientou muito dentro área, me dando forças, trocando conhecimento, consolando e sendo como sempre amiga e companheira em todo o meu trajeto de curso.

Aos meus amigos em geral que são muitos e não vou citar nomes, mas tenho cada um em meu pensamento e coração, agradeço o tempo de vocês que estiveram ao meu lado com sua paciência em me ouvir sempre, pois era com vocês que dividia todas as minhas lutas e vitórias durante o período da faculdade.

Com todo respeito e carinho agradeço ao Instituto de Educação Superior Pró-Saber (ISEPS) e seu corpo docente, especialmente minha orientadora Maria Delcina Feitosa, a qual abriu muitos caminhos em minha vida acadêmica, em que foi referência de mudança e transformação pessoal e profissional em toda minha aprendizagem e todo o conhecimento adquirido durante o período de passagem pelo curso, sendo lugar de construção com o outro.

Encerro meus agradecimentos à turma 2012, por todos os momentos vividos e construídos ao longo do curso, com alegria, harmonia e companheirismo estando todas unidas no mesmo propósito em fazer a diferença na educação infantil. Em especial minha colega Laís Oliveira, com a qual, todas as noites, seguiam para nossos lares em constantes diálogos, que participou com dedicação e carinho, me acolhendo no momento de minha escrita monográfica.

“Aos professores fica o convite para que não descuidem de sua missão de educar nem desanimem diante dos desafios, nem deixem de educar pessoas para serem “águias” e não apenas “galinhas”. Pois, se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tão pouco, a sociedade muda”.

Paulo Freire

RESUMO

Essa monografia aborda o reforço escolar no fundamental objetivando a construção e a organização das atividades explorando o espaço, o vínculo e a afetividade para oferecer a rotina acolhedora. É apresentado estudo de caso de reforço escolar para crianças do ensino fundamental. A metodologia de pesquisa foi centrada nos instrumentos metodológicos do Professor pesquisador, especialmente a observação focada.

Palavras-Chave: Educação Infantil. Ensino fundamental. Rotina. Espaço. Vínculo. Afetividade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 SOBRE A ROTINA	14
1.1 Vínculo e afetividade	14
1.2 O espaço	15
2 A CRECHE UNAPE ANCHIETA	18
2.1 O CCE	18
2.2 A Turma Dois	19
3 A PESQUISA	21
3.1 Metodologia	21
3.2 Coleta e apresentação e análise dos dados coletados	22
3.2.1 A Rotina	22
3.2.2 Apresentação dos dados colhidos no Caderno de Campo	27
3.2.3 A rotina não rotineira	32
3.2.4 Os benefícios do cuidar da Educação Infantil trazidos para a Educação Fundamental	33
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

O tema rotina tem origem e interesse na minha história, fui ao fundo do poço, reconstruindo minha história, meu processo de aprendizagem e resgatando-o na minha prática como educadora.

No período de minha infância, tive a perda de minha mãe, o que me levou a ter um novo modelo de família, que não me escolheu e sim me acolheu resignificando passo a passo minha história de vida.

Vivi em uma instituição religiosa integralmente durante toda a minha infância e juventude e lá fui crescendo e aprendendo dentro de um modelo conhecido como padrão da educação, com muitas regras e disciplina. Foram momentos alegres e marcantes em minha vida, em que tinha casa, comida, amor, carinho e formação. Será que a fatalidade da perda não me deu um belo presente?

O tempo passou e saí de lá casada com o filho do motorista do transporte escolar. No entanto, um ano depois, mais uma vez, a fatalidade atravessou meu caminho e eu perdi o grande amor de minha vida, voltando para o convívio de meu pai, sendo já responsável pelos meus atos. Trabalhei muito neste período para construir algo próprio.

Aos quarenta e cinco anos e já no segundo tempo, cheguei a uma instituição chamada UNAPE Anchieta, semelhante a que me acolheu no passado, mas agora além de me acolher como profissional, ela me dava a oportunidade de me doar, trocar de lugar com o outro, não sendo mais a criança de minha história, o educando, e sim o educador, exercendo o papel que fizeram por mim para que eu chegasse até aqui com a bagagem rica, que a vida me deu de presente para agora colocar em prática, buscando conhecimento dentro dessa área fantástica, a educação.

No ano de 2011, participei do vestibular na instituição Pro- Saber fui aprovada e comecei o Curso Normal Superior, necessário para ampliar meus conhecimentos dentro da educação infantil. Em contato direto com essa instituição, pude conhecer a contramão do currículo, que me apresenta a semente e me faz regar para nascer o novo todos os dias, provando serem libertador e criativo, superando a rotina que vivi e me transformando em uma educadora dinâmica, inovadora, com olhar observador passando a trazer para minha prática a “educação como prática de liberdade” (FREIRE, P. 1996, p. 59).

A rotina é como uma âncora do dia a dia, capaz de estruturar e representar para a criança e o professor uma fonte de segurança e previsão do que vai acontecer. Ela norteia, organiza e orienta o grupo no espaço escolar, se fazendo como modelo ou sugestão para o trabalho pedagógico, diminuindo a ansiedade a respeito daquilo que é imprevisível ou desconhecido, determinando o tempo disponível do grupo. (PROENÇA, 2004, p. 15).

O tema rotina se consolidou a partir da experiência que vivi no meio do ano de 2012, em que houve necessidade da instituição acrescentar uma turma para o reforço escolar já existente, que agora acolhe o público de crianças da educação infantil de faixa etária 4/5 anos. A rotina dessas crianças é diferenciada devido ao movimento das escolas em que se encontram matriculada gerando um contra turno escolar, mudando assim completamente a rotina. Agora a necessidade é de total observação do movimento vivido, dessa nova rotina. Como torná-la flexível? Como organizar o tempo e espaço para o acontecimento de suas tarefas sem estabelecer uma relação mecânica? Como propiciar o afeto e o vínculo dentro da rotina, fortalecendo laços e tornando o aprendizado significativo? Como ficar atenta ao sorrateiro movimento do espontâneo?"Na concepção espontaneísta o educador abomina modelos e termina assim não possibilitando explicitamente sua imitação pelo educando."(FREIRE, 2008. p. 73). O objetivo geral é levar os educadores a acreditarem em uma nova concepção de educação, em que a rotina pode ser um instrumento libertador, de autonomia, que na visão de Rezende (2004) pode ser definida como:

Como sujeito psicológico, a criança tem a oportunidade de se tornar cada vez mais independente, segura, capaz de tomar iniciativas pertinentes à sua idade e de conquistar, gradativamente, a sua autonomia. (p.14).

Nesta rotina, o movimento construído deve ser estruturado com organização e planejamento, oferecendo o espaço limpo, aconchegante, com materiais acessíveis e disponíveis ao alcance da criança.

O tema é relevante porque mostra a possibilidade de criar uma rotina de fácil convivência, gerando prazer em estar no movimento criativo do cotidiano escolar onde a aprendizagem seja significativa. Vivemos num mundo mecânico e precisamos organizar espaços convidativos que proporcionem o crescimento e o desenvolvimento do educando na rotina. O professor que desenvolve autonomia

será claro, objetivo, flexível, criativo, com olhar observador dará voz e vez para a criança.

Os estudos feitos para pesquisa foram pautados na observação de minha prática, utilizando os instrumentos metodológicos de Madalena Freire.

Os teóricos que me ajudaram a refletir, que fundamentaram a análise foram: Madalena Freire, Paulo Freire, Veras Melis, Daniela Guimarães, Patrícia Corsino, Maria Carmem Barbosa, Sonia Kramer, Maria Fernanda R. Nunes, Vanessa Ferraz Almeida Neves, Maria Cristina Soares de Gouvêa, Maria Lúcia Castanheira Henri Wallon, Pichon Riviére e Peter Moss.

A escrita desse documento monográfico se estrutura nessa **Introdução**, três capítulos, considerações finais e referências, a saber: No **Primeiro capítulo** dialogo com os autores estudados trazendo um aporte fundamentador para o trabalho, no que diz respeito a rotina e suas variáveis. No **Segundo capítulo** descrevo a instituição onde a pesquisa foi realizada. No **Terceiro capítulo** apresento o processo de pesquisa, metodologia, coleta, apresentação e análise dos dados. Nas **Considerações finais**, meu depoimento como educadora a partir desse serviço tão necessário para a transição inerente ao ingresso no ensino fundamental, ficam também algumas questões para futuras investigações. A seguir as **Referências** trazem os autores estudados para compor a pesquisa.

1 SOBRE A ROTINA

As instituições de educação infantil precisam ser entendidas como espaços educativos, o ideal é pensar em um trabalho que vincule o lúdico ao educativo num movimento inovador, dinâmico onde reverbere a liberdade, gerando criatividade.

A partir da leitura de Patrícia Corsino entende-se que:

Um trabalho de educação infantil que tem manifestações infantis e as interações como centro de sua proposta não pode deixar de considerar a linguagem como eixo que perpassa todas as instâncias. A linguagem entendida como enunciação, expressão e manifestação da subjetividade, o que significa uma proposta que abre espaço para a voz da criança, suas narrativas, suas formas de ver, sentir e conhecer o mundo, e para seus registros feitos com o corpo – nas ações, dramatizações e brincadeiras -, com desenhos, pinturas, colagens, modelagens e escrita. (CORSINO, 2009, p. 7)

Nessa rotina, há interesses, manifestado sobre a criança debruçando um olhar pedagógico e cuidadoso em sua escuta nas diferentes vozes.

Assumindo essa postura na rotina da educação infantil, devemos estar atentos ao espontaneísta travestido de liberdade, que não poderá assumir o controle de nosso cotidiano, pois como nos alerta Madalena:

O espontaneísta, quando não se assume como modelo, não exercita a desigualdade, a assimetria da relação educador (autoridade) e educando. Não coordenando o conflito no enfrentamento das diferenças, não oferece superação desse primeiro movimento. (FREIRE, 2008, p.110)

Para Madalena Freire tudo fica claro, pois “Educador educa a dor da falta. É da falta que nasce o desejo. Educador que se disponha aprender enquanto ensina, trabalhando seus ranços autoritários e espontaneístas na tentativa, na busca da construção de uma relação democrática. (FREIRE, 2008 p. 31).

1.1 Vínculo e afetividade

A pessoa se move a partir do jogo harmônico em que o vínculo é depositado sobre o outro mediante o mecanismo de deslocamento ou projeção e através da transferência, pois “O vínculo é sempre social mesmo sendo com uma só pessoa,

ele se relaciona posteriormente com a noção de papel de status e de comunicação”. (RIVIERE, 2012, p. 31).

Quando um aluno chega sujo e é recebido pelo grupo como “mendigo”. Aproximo-me dele e o acolho para prática de higiene com banho e lavagem de sua roupa. O vínculo e a afetividade contribuem para a aprendizagem e socialização entre todas as crianças.

A criança que sai da educação infantil e passa para o ensino fundamental se encontra num novo processo escolar e precisa ser acolhida de maneira que o processo de transição seja facilitado. “A função do educador, enquanto leitor de desejos é, dentro do seu ensinar, aprender a ler: vontade, interesse e necessidade.” (FREIRE, 2008, p. 68).

Wallon (1995) questiona: “A criança só sabe viver sua infância. Conhecê-la pertence ao adulto. Mas o que vai prevalecer neste conhecimento: o ponto de vista do adulto ou o da criança?” (p. 25)

As crianças ingressam na escola regular, com 6 ou 7 anos inaugurando um novo estágio de desenvolvimento. Como conhecer suas necessidades? Conhecer os sentimentos dos alunos, buscando refletir sobre a importância da afetividade neste processo ensino-aprendizagem, não seria um caminho propício para o aperfeiçoamento e o enriquecimento do trabalho pedagógico? Um ambiente favorável à aprendizagem, no que se refere à interação com as crianças, vincula-se a um movimento que se caracteriza construtivo no ato de ensinar e aprender com afetividade.

1.2 O espaço

A rotina é uma ferramenta básica e construtiva dentro de um planejamento organizado com espaço que favoreça o desenvolvimento do sujeito autônomo.

Barbosa E Horn (2006) afirmam que:

O cotidiano de uma Escola Infantil tem de prever momentos diferenciados que certamente não se organizarão da mesma forma para crianças maiores e menores. Diversos tipos de atividades envolverão a jornada diária das crianças e dos adultos: o horário da chegada, a alimentação, a higiene, o repouso, as brincadeiras – os jogos diversificados – como o faz de conta, os jogos imitativos e motores, de exploração de materiais gráficos e plásticos –

os livros de histórias, as atividades coordenadas pelo adulto e outras. (p. 31).

Assim, para organizar as atividades no tempo, é fundamental levar em consideração três diferentes necessidades das crianças:

As necessidades biológicas, como as relacionadas ao repouso, à alimentação, à higiene e à sua faixa etária; as necessidades psicológicas que se referem às diferenças individuais como, o tempo e ritmo de cada um; as necessidades sociais e históricas que dizem respeito à cultura e ao estilo de vida. (BARBOSA: HORN 2006, p.31).

Todo espaço educacional deve criar uma atmosfera de alegria e entusiasmo que possa ser descoberta, experimentada, e sentida por todos que circulam na escola. O brincar é a ordem na infância durante toda organização desses espaços, em que a criança dentro da rotina estabelecida aprende interagindo com objetos, situações e pessoas. Precisamos preparar esse lugar como local de experimentação, que favoreça as pesquisas das crianças, possibilitando a formação do sujeito apto a reinventar. Conseqüentemente,

O espaço habitado e vivido é um espaço de limites transformáveis por quem habita. Ou seja, o espaço objetivo torna-se “lugar de...” experiências, relações, criações; torna-se ambiente de vida, a partir das experiências que nele compartilhamos. O espaço é algo projetado, o lugar é construído nas relações. (GUIMARÃES, 2009, p. 96)

O espaço oferecido deve ser um local com o qual as crianças interajam e experimentem, onde cada necessidade individual é focada de modo inteligente, como aconteceu em nossa sala no momento em que um aluno sugeriu a plantar uma árvore, e as crianças trouxeram sementes, pote com terra e participou do momento construindo sua aprendizagem. Elas podem contribuir com ideias para as atividades diárias, sendo independentes e resolvendo os problemas. A nós cabe oferecer oportunidades que estimulem essa tarefa, como afirma Melis (2007):

Em nossa rotina devemos ter o cuidado de equilibrar as atividades que permitem os encontros em pequenos e grandes grupos. Nestes momentos, as crianças concretizam intenções, aprendem umas com as outras, e constroem conhecimento dentro de um contexto social. (p. 27).

Foto 1 – O pátio do CCE



Acervo da autora

2 A CRECHE UNAPE ANCHIETA

A pesquisa foi realizada na Creche UNAPE Anchieta, localizada no bairro de Botafogo na zona sul do município do Rio de Janeiro, especificamente na comunidade Santa Marta.

Administrativamente a Creche pertence à filantropia, ligada a Instituição dos Padres Jesuítas no Brasil, e assistida no Rio de Janeiro pelo Colégio Santo Inácio.

A estrutura conta com uma diretora, uma coordenadora geral, duas coordenadoras de segmento (maternais e centro de complementação escolar), uma psicopedagoga, uma assistente social, uma psicóloga, uma pediatra, dois assistentes administrativos, cinco professores de atividades extras, quatorze professores regentes, dezesseis auxiliares de turma, duas cozinheiras, quatro ajudantes de cozinha, uma lavadeira, cinco profissionais da limpeza e um porteiro.

O espaço físico é composto de dez salas de aulas, uma biblioteca, uma sala de informática, uma sala de música, uma sala de professores, uma sala de direção, uma sala de administração, um consultório da pediatria, um salão de festas, um refeitório, uma capela, duas cozinhas, três banheiros adultos, sete banheiros infantis, um vestiário, um terraço amplo e uma portaria com garagem, isso distribuídos em um prédio de cinco andares.

A administração é de fácil acesso, dando sempre a liberdade de expressão, na relação profissional.

Hoje a instituição atende 350 crianças, sendo 150 no maternal (faixa etária de dois a três anos), divididas em seis turmas com vinte e cinco alunos cada, em período integral e 200 (faixa etária de quatro a doze anos) no Centro de Complementação Escolar, organizadas em quatro turmas com a mesma quantidade em sala no contra turno (são as crianças que frequentam a escola regular pela manhã e vão a tarde depois do meio dia para nossa instituição e as da manhã vão para a escola regular a tarde).

2.1 O CCE

O Centro de Complementação Escolar (CCE) surgiu há quatro anos, com três turmas que iniciam com a finalidade de criar um reforço escolar para a educação

fundamental e assim atender crianças da faixa etária de 6 a 12anos que se encontravam matriculadas nas escolas próximas e seguiam para o contra turno no CCE. O objetivo era centrado no funcionamento semelhante à pré-escola, área de expertise da UNAPE.

Há um ano houve a necessidade de formar mais uma turma, acolhendo parte da educação infantil com crianças de 4/5 anos, participantes do mesmo movimento escolar e que não frequentavam mais a creche.

O trabalho tem sua rotina centrada no reforço e ampliação do conteúdo aplicado nas escolas de forma lúdica e, também, abrindo espaço para atividades esportivas, música e informática, por meio das oficinas oferecidas por profissionais capacitados em cada área.

Todo o trabalho de alimentação e higiene segue inspirado na educação infantil, aliando-se ao pedagógico do reforço. O aprendizado das regras de boas maneiras e do cuidado com o corpo e o cuidado com o outro proporcionam momentos de harmonia.

No CCE, se constroem grupos variados valorizando a construção do grupo, no relacionamento com a escola em que a criança participa de mais um grupo saindo de seu primeiro grupo - a família. Para Madalena Freire "Um grupo se constrói na [...] constância da rotina e de suas atividades." (FREIRE, 2008, p.104).

2.2 A Turma Dois

.Em 2014, fui efetivada como professora regente no CCE, na **Turma Dois**, à tarde, essa turma tem um diferencial de idade entre 6 e 7 anos, convivem três grupos de crianças pertencentes ao CA, uma classe de aceleração com crianças que precisam de avanço escolar, na 1° e 2° séries do ensino fundamental.

Estive no movimento de pesquisa junto à turma para buscar diferentes hábitos relacionados à sua rotina, procurei conhecer os anseios dos alunos e a mudança ocasionada nesse momento de transição da educação infantil para a educação fundamental. Cabe ressaltar que acompanhar as crianças ao longo do ano letivo, foi fundamental para uma observação contínua que trouxe resultados efetivos para elaboração desta pesquisa, registrando as manifestações dos alunos em toda a

trajetória, lembrando gestos, atitudes, comportamentos, sentimentos e atitudes geradas ao longo do tempo de convivência com o grupo em nossa rotina:

Ver e ouvir demanda implicação, entrega ao outro. Estar aberto para vê-lo e/ou ouvi-lo como é, no que ele diz, partindo de suas hipóteses, de seu pensar. Dessa forma, buscar a sintonia com o ritmo do outro, do grupo, adequando, em harmonia, ao nosso. (FREIRE, 2008, p. 45)

Em fevereiro quando recebi essa turma, pensei já em firmar um diálogo com eles de total liberdade de expressão. Percebi como eles ainda estavam inseguros com a mudança da educação infantil para o ensino fundamental. E aí por onde começar? A identidade deu o ponto de partida importante para construir uma relação com os nomes.

Fomos aos poucos criando laços afetivos para facilitar a regra de convivência com respeito, limite, liberdade de expressão e vínculo, gerando autonomia.

O acolhimento acontecia todos os dias na portaria, junto às quatro turmas do CCE. Era o tempo que tínhamos livre para conversar e nos aproximarmos uns dos outros aguardando a chegada de toda a turma.

3 A PESQUISA

Neste capítulo, vou expor os dados colhidos em minha prática para a efetivação da pesquisa. Aqui apresentarei os dados colhidos por meio de observação e caderno de campo, será também discutida, a luz dos teóricos que embasaram essa pesquisa.

3.1 Metodologia

Observar é estudar a realidade, registrar é refletir o ato dando direcionamento ao planejamento que será executado e avaliando o processo vivido para recriar o planejamento nos ajudando a pensar em uma rotina bem elaborada.

Ao longo do curso, fui desafiada com esses instrumentos metodológicos que fizeram parte do meu cotidiano e internalizaram na conquista de uma prática consolidada. O registro foi fundamental para rever essa prática e mergulhar na observação em constante reflexão com a criança atuante. Todo o processo de escrita dos fatos ocorridos serviu para serem analisadas e planejadas de maneiras diferentes pensando sempre que tipo de criança que estava trabalhando, qual eram suas necessidades e dificuldades passando a entender e a ter um novo olhar para os pequenos.

O registro permite a sistematização de um estudo feito ou de uma situação de aprendizagem vivida. O registro é história, memória individual e coletiva eternizadas na palavra grafada. É o meio capaz de tornar o educador consciente de sua prática de ensino, tanto quanto do compromisso político que a reveste. (FREIRE, 2008, p. 59).

Durante o trajeto acadêmico me apoiiei nos instrumentos metodológicos para realizar minha pesquisa e transformar minha prática seguindo em frente observando e focando a criança em diversos sentidos. Com a mudança de esse olhar meu aprendizado, pude romper com modelos e construir o olhar pensante e sensível incluindo a escuta do silêncio e o grito na comunicação.

3.2 Coleta, apresentação e análise dos dados coletados

A coleta de dados se deu na rotina elaborada com as crianças da turma dois, com a apresentação do caderno de campo e análises feitas numa rotina não rotineira em que o cuidar trazido da Educação Infantil permeia pela Educação Fundamental.

3.2.1 A Rotina

A rotina da sala que coordeno no CCE, a Turma Dois, foi inspirada por uma frase que ouvi da coordenadora: “Colocou o pé na creche tudo é pedagógico.”

O olhar acolhe, a afetividade e o vínculo unem, o planejamento organiza e o espaço recebe as crianças proporcionando uma rotina diferenciada, conforme descrita na tabela abaixo:

Tabela 1 - Rotina

R O T I N A		
HORÁRIO	ATIVIDADE	DESCRIÇÃO
11h45min	ENTRADA DA EDUCADORA NA INSTITUIÇÃO	Nesse momento tem início a rotina que acontece todos os dias, de segunda a sexta-feira, chegando à creche, cumprimento a todos, coloco o uniforme, assino o ponto e vou ao encontro das crianças na portaria para recebê-los.
12h	ACOLHIMENTO	Aos poucos, vão chegando às crianças do Centro de Complementação Escolar (CCE), algumas acompanhadas de seus familiares e as maiores sozinhas, gerando um grande movimento de acolhimento das quatro turmas do período da tarde. Aproveito esse tempo (aproximadamente de 20min) recebendo a minha turma com beijos, abraços e carinhos. Converso com eles sobre como foi à escola e o que fizeram. Informo qual será a aula extra do dia. Também dou atenção a alguns familiares quando necessário. Quando a maioria chegou, organizo a fila e vamos subindo devagar para o terceiro andar onde fica localizada nossa sala de aula.

12h25min	HIGIENE	<p>Vamos direto para o banheiro lavar nossas mãos para o almoço. Coloco sabão líquido em cada mão explicando que tem as outras turmas para lavarem suas mãos e que precisamos andar rápido. Além de não desperdiçar o sabão, economizar a água, respeitar a vez do amigo sem empurrar mostrando a eles um cuidado com o outro e com tudo que está ao nosso redor. Eles vão lavando as mãos e entrando cada uma para sala sentando em seus lugares, termino lavando também as minhas mãos.</p>
12h30min	ALMOÇO	<p>Nossa sala já se encontra arrumada para a refeição com os alimentos trazidos pela auxiliar de cozinha em cima da mesa, pois, o CCE almoça na sala por falta do refeitório.</p> <p>Coloco minha toca no cabelo, canto a música do silêncio para me fazer ouvida, porque nesse momento as crianças estão bem eufóricas e conversando bastante.</p> <p>Anuncio a entrega das agendas na caixa específica para os recados do dia e também para olhar se tem recado das famílias afinal, a agenda é o nosso instrumento de comunicação indireta com as famílias.</p> <p>Vou ao quadro de ajudante do dia e escolho duas crianças para ajudar a servir o almoço. Falo qual é o cardápio do dia e começo a servir os pratos que vão sendo distribuídos pelos ajudantes para toda a turma ao som do rádio com músicas variadas trazidas pelos alunos. Fazemos a oração em agradecimento do alimento, entrego as colheres e digo: - comemos todos, bom apetite. Em seguida me sirvo também e almoço junto deles com a condição de me esperarem para repetir, depois, comemos a sobremesa e vamos para outra etapa.</p>
12h50min	HIDRATAÇÃO, HIGIENE E ESCOVAÇÃO	<p>Nesse momento, chegam duas alunas que estudam mais longe da instituição, numa escola na Urca. Eu as recebo perguntando se já lavaram as mãos e se vão almoçar. Sirvo-as e continuo o trabalho assistindo o restante da turma que está bebendo água, indo ao banheiro e fazendo a escovação dos dentes. Agora elas estão no movimento lá e cá no banheiro, no corredor e na porta da sala, processo de organização para começarmos as atividades pedagógicas.</p>

13h	ENTRADA DA EDUCADORA AUXILIAR	<p>Hora da chegada da Elisabete, aproveito para sair da sala fazer minha higiene pessoal. Ao retornar, vou ao quadro e escrevo como vai ser nosso encontro do dia com o planejamento elaborado informando todo o movimento do dia, deixando espaço para novidades trazidas pelas crianças que sempre tem algo a acrescentar.</p>
13h15min	DEVER DE CASA	<p>O CCE tem como prioridade assistir as crianças que estão matriculadas nas escolas públicas e privadas e que vem para um reforço, dando continuidade ao que receberam na escola de uma forma que amplie mais seu conhecimento. Em seguida vou olhar as agendas, perguntando se todos já colocaram a agenda na caixa.</p> <p>“Crianças, hora do dever de casa em cima da mesa”. Uns gritam que não tem, nem todos tem dever de casa, pois, a turma é bem variada, as crianças vêm de três escolas diferentes. Começo pelo dever do grupo maior, dando uma orientação ampla de como proceder à tarefa pedindo a ajuda da Elisabete para ir ao encontro dos demais. Muitas vezes as crianças respondem com resultados positivos nesse movimento assimilando bem o conteúdo adquirido.</p>
	AULAS EXTRAS	<p>A instituição tem outros profissionais que participam da nossa rotina em tempo de 45min e em diferentes dias da semana, integrando ao planejamento das atividades.</p> <p>Toda a segunda-feira às 13hs entra o professor de educação física, Thiago, que leva a turma para o terraço onde acontece sua aula.</p> <p>Às terças-feiras às 14h é a vez do professor de capoeira, Santo Amaro, conduzir a turma para o salão no primeiro andar onde ministra sua aula.</p> <p>Quarta-feira o professor de música, Rodrigo, assume às 13h, levando à turma em uma sala reservada no mesmo andar para a aula de música.</p> <p>Na quinta-feira às 14h capoeira e às 15h informática com a professora Juracy, que tem uma sala adaptada no primeiro andar com 14 computadores. A turma trabalha dividida em 2 grupos, devido à estrutura física.</p> <p>Terminando a semana, na sexta-feira às 14h temos uma parceria com o Colégio Santo Inácio. Os alunos do fundamental trazem atividades variadas para a turma dentro de nossa sala e quando não trazem atividades preparadas brincam no terraço.</p>

	ATIVIDADE DIRIGIDA	<p>Devido às nossas aulas extras todos os dias serem em tempo alternado, é construído o movimento de rotina diferenciado dando o espaço para atividades dirigidas com as crianças em meio a cada horário.</p> <p>Essas atividades passam pela chamada diversificada, pelo tema do momento, narração de histórias, roda de conversa, brincadeiras, desenhos, recreação no terraço, filme, produção do mural com confecções dos alunos, clube da leitura, dia do brinquedo, ao término das atividades as crianças se reúnem sempre para organização da sala. Algumas atividades se encontram fixas no planejamento semanal como: Toda terça-feira é o dia do brinquedo, dia em que as crianças brincam em sala com os brinquedos do CCE e também podem trazer o seu brinquedo para brincar, com o combinado de que cada criança deve cuidar do seu brinquedo. Quarta-feira é reservada para o filme, escolho qual criança vai trazer o filme do dia. Sexta-feira é o dia do clube da leitura, seleciono vários livros, coloco em cima da mesa e chamo um a um para escolher o que quer levar para casa e ler com seus familiares.</p>
16h	HIGIENE	Retornamos para o banheiro fazendo todo o processo já conhecido da higiene das mãos nos preparando para lanche.
16h	LANCHE	Chega a nossa sala o lanche trazido pela auxiliar de cozinha. Chamo novamente os ajudantes do dia a virem até a mesa e começamos juntos a servir o lanche a toda turma. Elisabete agora está à frente desse movimento das crianças dando início a oração de agradecimento do alimento, servindo os pratos entregando para os ajudantes distribuírem na turma, entregando as colheres e dizendo podem comer. Às vezes nós duas também lanchamos com as crianças aproveitando bem o momento agradável da companhia das crianças.
16h30min	HIDRATAÇÃO, BANHEIRO E ESCOVAÇÃO	Nessa hora às crianças já começam a pegar as escovas de dente e vão escovar os dentes, beber água e ir ao banheiro, para irmos embora. Quando entram na sala peço que olhem se não esqueceram nada, ficam na expectativa da saída querendo ir embora.

16h45min	AVALALIAÇÃO DO DIA	Vou chamando cada um em voz alta, entregando a agenda e perguntando: Como foi seu dia? O que gostou? O que não gostou? Qual sua nota de hoje? Nessa hora as crianças adoram porque se dão nota e paramos para reflexão do aluno, das educadoras e do grupo. Cada um tem a oportunidade de se colocar e ser ouvido por todas as crianças é o momento onde cada um se percebe e passa a perceber o outro. Nossa avaliação acontece todos os dias e as crianças gostam mais quando chega à vez deles avaliarem as duas educadoras que também tem vez e voz estando em sintonia com o grupo e pontuando para eles que não somos perfeita e que eles não precisam ter medo de nos dar a nota do dia explicando o que não gostaram em nós. Saímos da sala, indo em direção à portaria para despedida da turma.
----------	--------------------	--

Elaborada pela autora

Alguns esclarecimentos acerca da rotina:

Dentro das regras de convivência, entraríamos em sala após passar pela higiene das mãos, com acompanhamento necessário da educadora. Organizamos o quadro de ajudante do dia que é uma atividade elaborada com a participação de todas as crianças, vantagem do trabalho inspirado na a educação infantil. O horário do almoço ajuda na interação do grupo. Almoçávamos em sala de aula, a distribuição dos alimentos organizada pela educadora. Madalena Freire considera a comida:

Uma atividade altamente socializadora num grupo, porque permite a vivência de um ritual de ofertas. Exercício de generosidade. Espaço onde cada um recebe e oferece ao outro o seu gosto, seu cheiro, sua textura, seu sabor. (FREIRE, 2008 p. 105)

O cuidar foi preservado de maneira autêntica em todos os sentidos e espaços. Sendo assim, o canto da escovação tinha destaque em nossa sala, com suas sacolas nomeadas e penduradas com pasta de dente, escova e fio dental para as crianças efetivarem a higiene bucal após as refeições, preservando o cuidado com a primeira dentição da criança, afinal diz a máxima que saúde e higiene caminham juntas.

Nossos dias eram planejados e organizados a partir de um complemento escolar (o dever de casa) trazido pelas crianças. O grupo foi organizado em três

subgrupos, levando o trabalho a crescer sob o olhar da educadora, para atender as necessidades de todos e trabalhar de forma lúdica com atividades dirigidas relacionadas ao conteúdo trazido pelas crianças.

Em nossa instituição, temos a vantagem de dividir nosso dia com outros profissionais que são muito importantes para a formação das crianças. Nossas crianças gostam muito das atividades extras, que contribuem também para uma rotina agradável e variada durante a semana com jogos de competição, exercício físico, músicas e informática que além de nos auxiliar em pesquisa com as crianças complementando nosso trabalho em sala de aula.

A chamada convocava a criança a entrar em cena, pois ela era bem trabalhada dentro do conteúdo do dia. Sempre que faltava algum aluno, eles respondiam que não veio, mas que foi na escola e por algum motivo não tinha vindo ao CCE, mas que fazia parte da nossa turma, lembrando sempre do ausente permitindo assim o cuidado com o outro. Trata-se do respeito anunciado por Madalena: “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.” (FREIRE, P., 1996, p. 59).

3.2.2 Apresentação dos dados colhidos no Caderno de Campo

Nesse capítulo apresento os dados colhidos do meu “diário de bordo” (documento da instituição) e meu caderno de campo. Neles estão contidas as “notas imediatas” (FREIRE, 2008) com informações e situações ocorridas no cotidiano escolar. Ressalto que o caderno de campo foi um instrumento valioso para fundamentar toda minha escrita dentro do processo de construção desse documento, facilitando o entendimento do movimento da prática pedagógica, no ensino fundamental, praticada no CCE.

Dia 11/03/2014 em que a aluna Daniele chega à instituição com uma marca no pescoço e diz que foi brincando na escola de corda. Perguntei a turma sobre o fato ocorrido e eles confirmaram a versão da mesma, pois, há um grupo da mesma escola. Comuniquei a coordenação e registrei o fato.

Dia 02/04/2014, fica registrado nesse documento nosso primeiro passeio na Casa Rui Barbosa no mesmo bairro da instituição, com Maria Lúcia coordenadora, eu Joseli professora regente, Elizabete auxiliar, Gilda mãe do aluno Matheus Santos e toda a **Turma Dois** presente.

No dia de hoje 15/05/2014 o aluno Victor Ricardo ficou fora da atividade de educação física porque veio de chinelo e a norma da instituição não pode fazer atividades de esporte indevidamente uniformizado por questões de segurança.

Em 06/06/2014, a mãe do Miguel Portela, Maria Eugênia presenteia a turma com diversos cadernos e livros novos para nosso trabalho pedagógico.

O registro de hoje dia 03/07/2014 é que recebemos a visita de um gringo de Nova York chamado Wayne para fazer um trabalho de desenho com nossas crianças gerando um momento inesquecível para todas.

Festa do dia dos pais 07/08/2014 um dos melhores encontros realizados até aqui em que houve uma interação total entre família e escola com futebol dos pais e filhos.

Registro hoje dia 22/09/2014, que o aluno Miguel Azedo chegou a nossa instituição passando mal, vomitando e sentindo uma dor forte na barriga, liguei imediatamente para sua mãe e aguardei-a com o menino deitado em sala de aula num colchonete.

Os relatos a seguir se deram no período de: **março a setembro de 2014**.

Na hora da entrada, na portaria acolhendo as crianças o aluno Victor Araújo me perguntou:

_ Josy você é minha irmã?

_ Eu disse por quê?

Ele respondeu.

_ Porque todos nós somos filhos de Deus.

.Eu confirmei.

_ Boa, é isso mesmo.

Subimos e começamos nossa aula com a rotina do almoço e logo após a escovação surgiu uma briga no banheiro entre a Júlia Rodrigues e o Victor Ricardo, empurrando para escovar os dentes. Eu me aproximei e perguntei: O que está havendo aí?

_ Tia, a Júlia bateu no Victor! Respondeu a Tayssa.

Vamos, vamos entrar para a sala e conversar porque eu não gostei!

Vocês já me viram bater na minha colega de trabalho a Elisabete?

_ Não! Responderam todos.

De repente eu ouvi lá do fundo da sala o Luiz Phelipe falar:

_ Pois é Julinha pra cá Julinha pra lá ela não é a santinha?

Neste momento eu parei e perguntei a ele: Não entendi Luiz, porque você está falando isso?

_ Porque ela é sua queridinha não é?

_ Não, aqui não tem queridinha todos são iguais entendeu Luís? Apenas A Júlia está precisando mais da minha ajuda.

Aí que a conversa se estendeu quando o Gabriel se levantou e disse:

_ Ela é especial!

Eu disse:

_ Especiais todos nós somos para Deus, mas onde você ouviu isso?

_ Na escola a tia falou.

Nesse dia houve um grande diálogo sobre pessoas especiais, em que precisei parar todo o planejamento do dia e colocar essas falas em pauta e refletir sobre o cuidado diferenciado percebido pela criança.

Registro da aula construída no dia 11/08/2014

Na hora do almoço, tivemos uma conversa sobre o comportamento das crianças para chegar até o Moisés, um aluno recém-chegado em pleno mês de agosto que precisava se adaptar e entender as regras de convivência construída com a turma lá no início do ano, em que eu falei para todos que aqui tem regras e limites e não pode falar palavrões muito menos bater nos colegas.

João Marcelo logo disse:

_ Você precisa ter o autocontrole não pode bater.

Muito bem João, falei eu: Ele vai conseguir se controlar e não vai mais bater em ninguém aqui não é Moisés?

Ele balançou a cabeça e afirmou que sim.

No momento da sobremesa, o Levi trouxe uma barra de doce de leite para dividir com a turma, mas estava inteira e eu precisava dividir em 21 pedaços e falando que iria dividir, Rayanne perguntou:

_ Josy você vai fazer igual a Jesus?

Eu disse:

_ Sim Rayanne, mas o que você sabe disso?

_ Minha vó falou que Jesus dividiu cinco pães e dois peixinhos.

_ Muito bem é isso mesmo. Dividir é dar a todos mesmo sendo pouco.

Fizemos nossa atividade do dia e no momento de guardar a atividade na pasta deles o Levi jogou a pasta e colocou no lugar errado aí o Matheus Santos falou:

_ Levi! É assim que guarda a pasta? O lugar está errado e você sabe está se fazendo de bobo.

Prontamente o Levi se levantou da cadeira e foi consertar o que tinha feito aparentemente de errado. E eu pensei essa fala é minha.

Em meio a nossa rotina percebi que a turma estava muito agitada, e o reflexo era eu, pois estava trabalhando sozinha e tinha muitas coisas a fazer, logo pedi ajuda da turma e enquanto eu falava a Daniele não parava de falar o tempo todo até que o Miguel Azevedo disse para ela:

_ Daniele, às vezes você tem que se comportar de verdade, fica quieta.

Eu falei:

_ É verdade Miguel, ninguém aqui é perfeito, mas precisamos melhorar, você ouviu o que o colega disse para você Daniele?

E o Moisés disse:

_ É, perfeito só Deus!

Pesquisa realizada na aula do dia 20/08/2014

Em nossa turma, tem uma aluna chamada Maria Fernanda que chega depois do horário de entrada e nesse dia ela entrou na sala chorando muito pela perda do dinheiro que sua mãe deu para pagar o transporte escolar. Recebi e acolhi a aluna ouvindo tudo que tinha para me contar retirando-a de sala para não tumultuar e logo

comuniquei a sua mãe pedindo-a que viesse a instituição para resolvermos o problema. A turma ficou agitada e falaram muitas coisas para a Maria Fernanda. Eu precisei abrir um espaço para acalmar a turma.

Gente! Olha só vamos ficar calmos, tudo vai se resolver. Aí o Gabriel disse:

_ A mãe dela vai bater nela tá.

_ E agora como vai ser com Fernanda? Ela perdeu tudo disse a Júlia Rodrigues.

_ Vamos esquecer isso e se concentrar no dever de casa. Disse eu.

Depois que ela se acalmou, almoçou e voltou para a sala.

Estávamos trabalhando o tema sobre Dorival Caymmi aí eu trouxe vários vídeos para falar dele. Na apresentação dos vídeos o Gabriel falou que ele parecia com o professor Girafares do Chaves causando risos em toda a turma. Logo após os vídeos contei a história dele dizendo que ele morreu aos 94 anos de câncer e o Victor Ricardo perguntou:

_ Ele morreu cansado?

_ Não Victor, câncer é o nome de uma doença. Você nunca ouviu falar?

_ Não.

Na mesma conversa sobre o tema, falei das músicas de Dorival e citei a música O que a baiana tem e o Moisés falou:

_ Tia você ta falando da minha avó, ela é baiana?

E aí eu falei: Não Moisés, é o nome da música dele, mas também baiana pode ser um apelido que colocam nas pessoas como na sua vó para dizer que a pessoa nasceu na Bahia, ou também uma pessoa que se fantasia de baiana no carnaval você já viu e conhece?

- Eu não!

A turma começou a explicar para ele o que era baiana.

Em meio nossa conversa a mãe da Maria Fernanda pediu licença para entrar em sala e conversar com sua filha que começou a chorar vendo sua mãe fora da sala.

A turma perdeu o foco e só se falava do sumiço do dinheiro. Então pedi um tempo à turma e fui até ela para falar sobre o fato ocorrido e ela prontamente depois de ouvir sua filha me pediu para conversar com a turma que estava falando muitas coisas para a menina.

Entrei em sala, fiz uma roda e disse que a Simone mãe da Maria Fernanda precisava conversar com a turma e que eu gostaria da ajuda de todos para ouvir o que ela tinha para dizer. Foi um excelente diálogo com interação e participação do grupo abrindo um espaço significativo em nossa rotina.

Relato da aula no dia 24/09/2014

3.2.2 A rotina não rotineira

A rotina da Turma Dois foi organizada integrando o grupo todo no mesmo contexto de aprendizagem, respeitando, entretanto, sua individualidade na hora da tarefa. Apesar das diferenças, todos estavam no processo primordial da alfabetização, uns mais lentos outros mais avançados. Também tive a preocupação de conhecer a escola que frequentavam, por nome e localidade, pois, nas atividades do dever de casa, me deparei com atividades diferenciadas, portanto, adquiri o conhecimento de quatro escolas diferentes inseridas no grupo. Ressalto, pois, que “É no grupo, sob a coordenação de um educador e na interação com o igual, que se aprende a pensar e a construir conhecimento.” (FREIRE, 2008, p. 58).

Combinamos que ninguém entraria em sala sem passar primeiro pela higiene das mãos e com todo acompanhamento necessário de um profissional para darmos início ao nosso almoço.

A rotina rotineira priva a autonomia da criança impedindo o processo de crescimento, os educadores devem mirar uma didática a qual, se aprende a pensar e a construir conhecimento, em que o aluno saia da condição de copista e repetidor e se transforme em ator e protagonista. Uma rotina adequada é um instrumento construtivo para a criança, pois permite que estruture sua independência além de estimular a socialização. Barbosa (2006) ensina:

O excesso de rotinização impede à exploração, a descoberta, a formulação de hipóteses sobre o que está para acontecer. Em outras palavras: trata-se de combinar rotina e variação, de oferecer à criança um andaime, uma estrutura feita de tempo, espaço, fórmulas verbais que lhe permitam à exploração, a interferência, a decifração do que acontece, os experimentos mentais sobre quando sucede. (p. 45)

A rotina rotineira priva a autonomia da criança, impedindo-a de criar o novo e tendo a sua frente o modelo de autoridade capaz de fazê-lo copiador e repetidor de ordens e regras.

Uma rotina adequada é um instrumento construtivo para a criança, pois permite que ela estruture sua independência além de estimular a socialização. Precisamos de liberdade e criatividade para atuar na rotina, proporcionando um ensino significativo, dialogando e conquistando o aluno com a liderança que dá linha na pipa e não o impede de voar.

3.2.3 Os benefícios do cuidar da Educação Infantil trazidos para a Educação Fundamental

O cuidar tem uma participação ativa e constante para ajudar o outro a desenvolver-se valorizando o afeto de forma primordial no cuidado com a saúde e o corpo. Não podemos deixar que crianças maiores circulem sozinhas e façam sua higiene sem supervisão e qualquer mediação do adulto dando o nome de autonomia. Isso traduz na falta de cuidar.

Peter Moss inspirado em Dahlberg diz que: O “cuidado” nessa concepção é parte integral da educação, talvez mais bem entendido como uma ética, uma maneira de pensar e se relacionar com o outro. (MOSS, 2005, p. 14).

Preciso ter o cuidado ético para não expor a criança e deixá-la ser participante de uma rotina tradicional sem cuidado, deve ser acompanhada com o olhar observador e atento as suas necessidades e limitações. É no respeito que às diferenças se completam e é na coerência entre o que faço e o que digo que me encontro com eles na rotina me fazendo disponível a realidade e necessidades de cada um.

Assim, cuidar da criança é, sobretudo dar atenção a ela como pessoa que está num contínuo crescimento e desenvolvimento, compreendendo sua singularidade, identificando e respondendo às suas necessidades. Isto inclui interessar-se sobre o que a criança sente, pensa, o que ela sabe sobre si e sobre o mundo, visando à ampliação deste conhecimento e de suas habilidades, que aos poucos a tornarão mais independente e mais autônoma. (BRASIL, 1998, p. 24-25).

Esse cuidar foi muito bem preservado e dialogado com o grupo diariamente em nossa rotina a fim de organizar momentos agradáveis nas refeições e na higiene, pensando no bem-estar das crianças em formação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletindo sobre a pesquisa realizada e sobre as possibilidades da rotina no ensino fundamental, pude analisar e reafirmar a importância do movimento do cuidar para o ambiente escolar.

No processo decorrido, me fortaleci no conceito pelas aprendizagens adquiridas no Pró-Saber e ampliei minha prática pedagógica, constatando que a rotina também é essencial no ensino fundamental para cuidar, orientar e ensinar as crianças no espaço e no grupo, favorecendo a construção do conhecimento.

O professor quando planeja e avalia suas atividades cotidianas reflete e modifica suas ações, tendo em vista a observação focada de sua prática, adequando seu planejamento para atender as necessidades do grupo.

As rotinas também trazem uma relação do espaço escola e família de maneira a construir uma intimidade pessoal em contato direto com a criança ao ponto de ser estruturada uma ligação de vínculo e afetividade importantes na construção de conhecimento do sujeito, facilitando todo o processo de ensino.

Espero que essa monografia possa inspirar os educadores em pensar a rotina não rotineira, mecânica, mas, com criatividade, flexibilidade, dinâmica, produtiva, inovadora, dando vez e voz, recriando os espaços, interagindo com vínculo e afetividade e possibilitando assim uma aprendizagem efetiva e prazerosa.

Finalmente deixo uma questão, para que se examine experiências como essa da UNAPE/CEE para incentivar a reflexão sobre a melhor maneira de contemplar o período de adaptação da criança da educação infantil ao ensino fundamental de forma a possibilitar a construção do conhecimento com o desenvolvimento integral do ser humano.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, C. S. **Por amor e força rotina na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BORBA, A. M. *A Brincadeira como experiência de cultura*. In: CORSINO, Patrícia (org). **Educação infantil cotidiano e políticas**. Campinas, S. P: Autores Associados, 2012.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.
- _____. Ministério de Educação e do Desporto. Referencial curricular nacional para educação infantil. Brasília, DF: MEC, 1998. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf>. Acesso em 12 nov. 2014.
- CORSINO, P. (org.). **Educação infantil cotidiano e políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.
- FREIRE, M. **A paixão de conhecer o mundo** .São Paulo: Paz e Terra, 1983.
- _____. **Educador: educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- _____. **Observação, registro e reflexão: instrumentos metodológicos I**. São Paulo: [S.n.],1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 31. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- GOMES, M. de F.; DIAS, M. T. de M.; SILVA, Luciana. **O registro da rotina do dia a dia e a construção de oportunidades de aprendizagem da escrita**. Belo Horizonte: Ceale, 2008.
- KRAMER, S.; NUNES, M. F. R.; CORSINO, Patrícia. Infância e crianças de 6 anos: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 37, n. 1, Apr. 2011. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022011000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31 out. 2014.
- MANTOAN, M. T. E. **A escola flexível e a pedagogia das diferenças**. In: **Pátio: revista pedagógica**. Ano XII, n.48, p 16,17, nov. 2008/Jan. 2009.
- MELIS, V. **Espaços em educação infantil**. São Paulo: Scotercci, 2007.
- MONTREZOL, M. A. C.; OLIVEIRA, C. E. G. Formando laços afetivos. In: **Pátio: educação infantil**. Ano III, n. 7, p 36,37, Mar./Jun. 2005.
- MOSS, P. Qual o futuro da relação entre educação infantil e ensino obrigatório?. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. 142, Abril, 2011. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742011000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 Nov. 2014.
- NEVES, V. F. A.; GOUVEA, M. C. S. de; CASTANHEIRA, M. L. A passagem da educação infantil para o ensino fundamental: tensões contemporâneas. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 37, n. 1, Apr. 2011. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022011000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31 out. 2014.
- NOGUEIRA, A. L. H.; CATANANTE, I. T. Trabalho docente e desenvolvimento das atividades simbólicas: considerações para o ensino fundamental de nove anos. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 37, n. 1, Apr. 2011. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022011000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31 out. 2014.
- NUNES, M. F. R. **Educação infantil no Brasil: primeira etapa da educação básica**. Brasília: UNESCO, Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, Fundação Orsa, 2011. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002144/214418por.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2014.

PROENÇA, M. A. de R. *A rotina como âncora do cotidiano na educação infantil*. In: **Pátio**: educação Infantil. Ano II n° 4, p. 13, Abril/Jul. 2004.

RIVIÉRE, P. E. **Teoria do vínculo**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.